

# Apresentação

*Que historiador das religiões se contentaria em compilar tratados de teologia ou coletâneas de hinos? Ele sabe muito bem que as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliários dos túmulos têm tanto a lhe dizer sobre as crenças e as sensibilidades mortas quanto muitos escritos.*

Marc Bloch

A *ArtCultura* vem, dia após dia, ampliando o seu raio de alcance assim como o seu reconhecimento junto aos meios universitários. Em 2005, já indexada nacional e internacionalmente, a revista foi contemplada com o “nível A Nacional”, na sua área específica (História), na avaliação realizada pelo Qualis/Capes. Em 2006, teve aprovada sua inclusão no Portal de Periódicos da Capes, ao mesmo tempo em que passou a integrar o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), proposto pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), encampado pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação como parte das políticas editoriais da UFU e de outras instituições de ensino e pesquisa no Brasil. Paralelamente, para atender à demanda dos leitores, procedeu-se a três reimpressões sucessivas da edição n. 9, enquanto a *ArtCultura* n. 10 acaba de ter a sua segunda reimpressão. Tudo isso funciona como um poderoso incentivo para seguirmos adiante com nosso projeto editorial.

Neste número, acolhemos um dossiê sobre História, Arte & Imagem, uma tradução, uma palestra, cinco artigos e duas resenhas. O dossiê, organizado por Luciene Lehmkuhl, componente do nosso conselho editorial, sistematiza estudos que abarcam reflexões em torno das interfaces entre História, Literatura e Filosofia. A propósito, não é de hoje que Marc Bloch assinalou a importância para os historiadores dos diálogos com outras disciplinas, chegando a ressaltar a necessidade de se lançar mão de toda uma diversidade de testemunhos históricos. O entrecruzamento da História com a Arte e a Imagem evidencia, sem sombra de dúvida, as conexões possíveis entre os distintos ramos do conhecimento e mostra que determinadas abordagens devem sair da penumbra.

Na seção Tradução, Charles A. Perrone investiga a obra *Toda a América*, do poeta-diplomata Ronald de Carvalho. Considerado um exemplo por excelência de poesia neo-épica, durante o modernismo brasileiro, tal livro visa tratar das Américas de maneira hemisférica, não isolacionista, com toques universalistas, além de sustentar a superioridade do “Novo Mundo”, em contraposição à Europa, e o entusiasmo pelo futuro.

Nesta edição, temos a satisfação de inaugurar uma nova seção, Palestra. Para tanto, damos guarida a Maria Elisa Cevasco, que desvenda umas tantas armadilhas que se acham no meio do caminho daqueles que cruzam as temáticas do hibridismo cultural e da globalização, e frequentemente obscurecem o papel hegemônico desempenhado pelos centros metropolitanos.

A parte reservada aos Artigos é aberta por dois trabalhos que enveredam pelo universo do cinema. Victor Andrade de Melo e Alexandre Fernandez Vaz discutem as representações de masculinidade em filmes que incorporam o boxe em seu roteiro. Os autores recuperam — em nove *rounds* — a relação existente, desde o final do século XIX, entre a sétima arte e o pugilismo, associando a isso a permanência de certos modelos de comportamento masculino. Valéria Rosito, por sua vez, mergulha historicamente na iconologia da subalternidade. Ao tomar como referência básica o documentário-espetáculo, a visão que ela nos oferece põe em xeque as interpretações a respeito do aparente desencontro político-ideológico entre Orson Welles e Getúlio Vargas.

Na seqüência, Daniel Andrade de Faria vasculha o pensamento de Graça Aranha, nos anos 1920, sobre nacionalismo, romantismo, política e estética. Busca, então, jogar luz sobre o projeto modernista, que, na concepção daquele literato, implicava uma reescritura da história brasileira, que marcaria o nascimento da arte e da civilização com a e c maiúsculos. Tânia Pellegrini, por outro lado, se insinua no mundo ficcional de Sérgio Sant'Anna, desvelando certos pressupostos ideológicos da construção do simulacro que, segundo a autora, deságua na hiper-realidade e na textolatria, nas quais o grande ausente é o questionamento do real concreto.

Por último, Roberto Rillo Bísaro examina como a aids, no começo da década de 1980, gerou uma epidemia semântica, costurada pelo discurso científico, pela mídia e pelos ativistas gays. Ao mesmo tempo, o autor salienta como esses vários discursos e metáforas, que identificam a aids como sinônimo de homossexualismo, foram contestados pela comunidade gay.

A edição se completa com duas resenhas. Cleci Eulália Fávoro analisa o livro *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*, de Ana Paula Vosne Martins, enquanto Edilson José Gracioli volta sua atenção para *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*, obra organizada por Caio Navarro de Toledo.

*Kátia Rodrigues Paranhos*

Editora